



Reciclagem do olhar¹

Daniele Ribeiro Fortuna²

Universidade Unigranrio, Duque de Caxias, RJ

Resumo:

Este artigo aborda os resultados parciais da pesquisa “Reciclagem de lixo: adote esta ideia”, realizada no curso de Comunicação Social da Universidade Unigranrio, em Duque de Caxias, desde agosto de 2009. O projeto tem como objetivo conscientizar os alunos da instituição a respeito da importância da questão (não somente ambiental, mas também cultural) do lixo através de um vídeo que mostrará formas alternativas de lidar com ele, como a arte. Além disso, o texto trata da questão da motivação dos artistas e sua relação com o lixo e com o nojo que ele pode provocar, bem como a forma pela qual a pesquisa modificou o olhar dos participantes sobre o problema.

Palavras-chave:

Lixo; Artes Plásticas; Nojo; Comunicação

Introdução

O lixo é uma questão fundamental nos dias atuais. Existem formas criativas e/ou alternativas de se lidar com ele? Como a nossa cultura encara o tema? É preciso não apenas responder a essas perguntas, mas buscar também conscientização a respeito da questão ambiental e sua relação com o lixo e com a cultura.

Para tanto, cabe dividir o problema em duas partes: as questões cultural e ambiental e as formas alternativas de se lidar com o lixo. Acerca da conscientização ambiental e da questão cultural, o papel da Comunicação Social é crucial. De acordo

¹ Trabalho apresentado no DT 06 – Interfaces Comunicacionais do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 13 a 15 de maio de 2010

² Jornalista formada pela ECO-UFRJ, Mestre em Literatura Brasileira e Doutora em Literatura Comparada pela UERJ. Atualmente, trabalha como Professor Adjunto Doutor I e pesquisadora da Unigranrio, orientando o projeto “Reciclagem de lixo: adote esta ideia”, que tem como bolsista da FUNADESP a aluna Suellen Elise Maciel. E-mail: drfortuna@hotmail.com



com Guareschi, “Não seria exagero dizer que a comunicação constrói a realidade. Num mundo todo permeado de comunicação (...), a única realidade passa a ser a representação da realidade. (...)”.³ Nesse sentido, pode-se afirmar que a Comunicação tem papel não apenas de informar, mas também de formar. Por isso, utilizar quaisquer meios de comunicação no sentido de despertar ou aprofundar a consciência ambiental pode constituir-se numa estratégia eficaz para a formação de um público mais consciente a respeito da questão.

Este artigo analisará os resultados parciais da pesquisa “Reciclagem de lixo: adote esta ideia”, que teve início em agosto de 2009, no curso de Comunicação Social da Universidade Unigranrio, em Duque de Caxias, Rio de Janeiro, contando com a participação da aluna Suellen Elise Maciel, que recebe bolsa de Iniciação Científica da Funadesp – Fundação Nacional de Desenvolvimento do Ensino Superior Particular. O projeto tem os seguintes objetivos: elaborar um vídeo sobre formas alternativas de se lidar com o lixo (principalmente, a arte e a reciclagem) e entender como e por que artistas e catadores resolveram trabalhar com tal matéria-prima.

O vídeo, por sua vez, tem como objetivo principal fazer uso da Comunicação, como explicita acima Guareschi (1991): mais do que informar, formar, ou seja, conscientizar o público interno da Universidade, principalmente os alunos, a respeito do problema do lixo através de um vídeo, mostrando que existem formas alternativas de se lidar com ele, e que é uma questão não somente ambiental, mas principalmente cultural. É importante salientar que a produção deste vídeo contribuiu ainda para alterar a percepção que os participantes da pesquisa (orientadora, bolsista e técnico) tinham acerca do problema.

O projeto teve início com entrevistas com artistas que utilizam somente o lixo em suas obras de arte, e será este o principal tema deste artigo.

O lixo e a arte

Antes de dar início às gravações, fez-se necessário nos debruçarmos sobre as referências bibliográficas no que diz respeito à arte e ao lixo. Em relação à arte, a

³ GUARESCHI, Pedrinho A. A realidade da comunicação – visão geral do fenômeno. In: GUARESCHI, Pedrinho (coord.). **Comunicação e controle social**. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 14.



utilização de matéria-prima considerada pouco nobre não é algo novo. Marcel Duchamp, com seus *ready-mades*, já transformava objetos em esculturas. Mas tal tendência se firmou na década de 1960, quando o realismo nas artes plásticas se fortaleceu.

Na verdade, desde 1960, diversos ramos da arte, como o novo realismo e uma das suas vertentes, a arte *pop*, se comprometeram com a tendência realista. O novo realismo foi um movimento que surgiu nos Estados Unidos entre o final da década de 1950 e início dos anos 60. Em novembro de 1962, a galeria Sidney Janis, em Nova York, EUA, exibiu trabalhos de artistas de cinco países, elaborados em um estilo chamado ‘novo realismo’. Brian O’Doherty, um crítico do jornal *The New York Times*, descreveu a mostra como a primeira grande exibição de Nova York, de ‘*Pop Art*’ — um nome considerado, pelos críticos, melhor do que ‘novo realismo’.

O jornalista definia o ‘alvo’ dessa nova arte como “banalidade massificada — produtos padronizados e inocentes da nossa sociedade industrial afastados de seu contexto e revelados na sua nudez espiritual [...]. A arte ‘Pop’ (ou o ‘Novo Realismo’) é uma tendência definitiva, um movimento possível”.⁴

Em dezembro do mesmo ano, um simpósio sobre o assunto aconteceu no Museu de Arte Moderna, de Nova York. Os artistas em discussão já haviam recebido várias denominações, como ‘factualistas’, ‘neo-dadaístas’ etc. Porém, o nome ‘*pop art*’ acabou sendo escolhido, porque parecia ser o que melhor descrevia o fenômeno. O termo ‘novo realismo’ passou a ser rejeitado, já que havia sido aplicado a uma grande variedade de movimentos.

Naquela época, os artistas começaram a questionar radicalmente a hierarquia dos valores não-figurativos e o expressionismo abstrato — tendência que havia predominado até então — perdeu sua força. De acordo com Ana Cristina Chiara, o realismo moderno se defronta no século XX:

com as novas condições de vida geradas por um sistema técnico, industrial, científico e informacional, que voltam os sentidos do artista para uma necessidade de expressão cada vez mais próxima do estilo naturalista: ‘a realidade supera a ficção’ parece indicar o teor dos manifestos da corrente artística que se convencionou chamar de *os novos realistas*.⁵

⁴ O’DOERTY, B. apud MAHSUN, Carol Anne. **Pop art and the critics**. Londres: UMI Research Press, 1987, p. 9. (tradução das autoras)

⁵ CHIARA, Ana Cristina. O real cobra seu preço. In: OLIVEIRA, Ana Lúcia M. de (org.). **Linhas de fuga: trânsitos ficcionais**. Rio de Janeiro: 7letras, 2004, p. 28-29, grifo do autor.



Os novos realistas ou artistas *pop* passam, então, a focar sua atenção para as coisas do mundo — “Muito longe de refutar o mundo contemporâneo, a vanguarda prefere nele inserir-se. Sua visão das coisas se inspira no senso da natureza moderna, que é a da fábrica e da cidade, da publicidade e dos *mass media*, da ciência e da técnica.”⁶

Era o surgimento de uma geração mais impessoal e racional de artistas, que exaltavam o senso do maravilhoso da natureza moderna, apropriando-se de fragmentos do real para fins poéticos e refletindo acerca da autonomia expressiva do objeto:

Os novos realistas consideraram o batismo artístico do objeto como um acontecimento capital e dele extraíram a lição transcendental. Cada fragmento do real e do qual se apropriaram mostrou-se por isso mesmo investido de um potencial de expressividade absoluta e geral, fim e meio de todas as linguagens objetivas.⁷

Na década de 1950, o crítico de arte inglês Lawrence Allowey usou, pela primeira vez, o termo *pop art* para se referir a artistas que utilizavam em seu trabalho fontes populares de arte (“popular art sources”⁸), como cinema, ficção científica, anúncios, jogos e heróis dos *mass media*.

A arte *pop* buscava uma nova forma de se aproximar da realidade, valorizando elementos antes desprezados, como o lixo, os detritos urbanos, os objetos comuns. Seus artistas conferem um novo sentido à natureza, incluindo nela a técnica, a cidade, a publicidade e a indústria, e procuram integrar-se ao real de forma direta e imediata. Cada fragmento do real é valorizado, porque se considera que possua um potencial artístico genuíno. O objeto está no centro dessa vertente e, através dele, pretende-se atingir uma precisão “na apropriação perceptiva”.⁹ Elementos da realidade objetiva são utilizados para dar sentido à revolta individual desses artistas, que se consideram “naturalistas de um tipo especial”,¹⁰ pois mais do que representar, almejam apresentar a natureza moderna, ou seja, eles não buscam somente retratar a realidade, mas criar algo novo a partir dela.

De acordo com Roland Barthes, no artigo “That old thing: art...”,¹¹ a arte *pop* se caracteriza por utilizar o que é desprezado pela sociedade. Imagens da cultura de massa,

⁶ RESTANY, Pierre. **Os novos realistas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979, p. 23-29.

⁷ Ibid., p. 37-38.

⁸ BOURDON, David. **Warhol**. Nova York: Harry N. Abrams, Inc., Publishers, 1989, p. 136

⁹ RESTANY, p. 153.

¹⁰ Ibid., p. 154.

¹¹ BARTHES, Roland. That old thing, art... In: MAHSUN, Carol Anne (Ed.). **Pop Art, The critical dialogue**. Londres: UMI Research Press, 1989.



consideradas como vulgares, sem nenhum valor estético, tornam-se material para os artistas. Dessa forma, a arte *pop* reflete a temporalidade da vida e dos objetos, e está realmente inserida na era da reprodutibilidade técnica, sobre a qual tratou Walter Benjamin, já que não tem a pretensão de criar uma obra de arte única, durável, cuja aura lhe confira um estatuto quase sagrado. Nesse sentido, o universo cotidiano é um conjunto de coisas a ser apropriado da melhor maneira possível e tudo o que está nele pode ser transformado em arte. O objeto pode ser repetido e reproduzido infinitas vezes e essa reprodução e repetição acabam por se constituir em um outro novo objeto, que, por sua vez, dá origem a uma obra de arte. A sucata, o lixo, o detrito são apenas alguns elementos dessa construção artística: “O mundo do produto *Standard*, da lata de lixo ou do cartaz é um quadro permanente; destaquemos dele um fragmento: seu valor de significância universal é igual ao do conjunto, é a parte tomada pelo todo”.¹²

Se os artistas de correntes anteriores, como os cubistas, selecionavam objetos que eram familiares, íntimos e confortáveis, os artistas *pop* passaram a utilizar coisas também familiares, mas públicas e até perturbadoras. Antes ninguém consideraria a hipótese de transformar, por exemplo, uma lata de sopa em uma obra de arte. O objetivo era que arte e vida se transformassem numa coisa só, tornando “a obra de arte uma experiência a ser sentida de maneira muito mais direta do que as precedentes formas de Pintura e Escultura jamais o permitiram antes”.¹³ A intenção era apagar toda a hierarquia entre obras de artes e outros tipos de objetos ou ‘ocorrências’ no mundo.

Fica evidente, então, que, desde Duchamp, passando pelos novos realistas, a arte e os elementos da vida urbana, incluindo o lixo, mantêm uma relação. Mas e no que tange ao lixo, especificamente? Como este tema é abordado?

Após extensa pesquisa bibliográfica, verificamos que o lixo é um tema amplamente estudado no que diz respeito às suas implicações socioambientais, mas muito pouco analisado sob o aspecto cultural, que é o que nos interessa quando relacionamos arte e lixo. Entretanto, o trabalho professor de Comunicação Social da PUC-RJ José Carlos Rodrigues, *Higiene e ilusão*, foi fundamental para o nosso projeto. Em seu livro, publicado em 1995, ele já afirmava sobre o projeto de pesquisa que realizou: “Tratar o lixo como questão de cultura era um objetivo relativamente

¹² HUNTER, Sam. Novos rumos da pintura americana. In: BATTCKOCK, Gregory (org.). **A nova arte**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975, p. 141.

¹³ SOLOMON, Alan. A nova arte. In: BATTCKOCK, Gregory (org.). **A nova arte**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975, p. 234, 239



excepcional, coisa razoavelmente ousada, uma vez que a quase totalidade dos estudos sempre se dedicou aos aspectos propriamente ‘técnicos’ do problema.”¹⁴

Tal escassez de dados provavelmente se dá em função do sentimento de perigo que o lixo provoca – “(...) ‘lixo’ (= ‘inútil’, ‘asqueroso’, ‘perigoso’)”¹⁵ – e da sua associação com a morte, já que este “traz à lembrança o espectro do fim”.¹⁶ Dessa forma, quando nos referimos ao lixo, sempre pensamos em algo que precisa ser destruído ou, mais recentemente, reciclado, reaproveitado, transformado, mas esta transformação também, um dia, implicará uma destruição, ainda que seja para o surgimento de um novo elemento.

Não é fácil pensar que um tema que desperta sensações ruins, como o nojo, possa ser relevante na nossa cultura. Possivelmente porque o lixo nos remete não só à morte, mas também aos nossos dejetos, aquilo que sobra de nós todos os dias até o momento em que o nosso corpo também se transforma, na sua totalidade, num dejetos.

Entretanto, cabe salientar que esta visão do lixo como uma coisa nojenta veio com a contemporaneidade. Segundo Rodrigues, na Idade Média, nas festas carnavalescas, por exemplo, “muito do que hoje consideramos lixo, dejetos, entrava como componente fundamental”.¹⁷ Naquela época, a sensibilidade à ideia do que atualmente vemos como lixo não existia. O que agora nos desperta nojo, antes provocava outras sensações, como riso e intimidade.

Com o início da chamada modernidade, a mentalidade foi se modificando. Surgiu a noção de contágio e começou a haver a separação entre pessoas saudáveis e doentes, surgiram os hospícios, prisões, hospitais e passou a se separar elementos que antes não eram separados, como as secreções, fezes, vísceras etc. De acordo com Rodrigues, é de 1779 o primeiro projeto de reunião e expulsão do lixo urbano. Somente na metade do século XIX surge a figura do lixeiro. Nesse momento, também, oficializa-se a ideia de que o lixo é uma questão pública, da qual as autoridades devem se ocupar.

Esse processo de higienização colocou em evidência o indivíduo e o cuidado com a limpeza, implicando também uma separação mais acentuada de categorias de pessoas. As sensibilidades aos aromas, secreções, visões e contatos foram se refinando, as fronteiras socioculturais foram se tornando mais definidas: “Somente aos poucos, muito

¹⁴ RODRIGUES, José Carlos. **Higiene e ilusão**. Rio de Janeiro: Nau, 1995, p. 10.

¹⁵ *Ibid.*, p. 11

¹⁶ *Ibid.*, p. 13

¹⁷ *Ibid.*, p. 32



aos poucos, é que vai se formando a ideia de que limpeza física é também limpeza moral”.¹⁸

Dessa forma, com o tempo, estabeleceu-se a noção de lixo que temos hoje, como algo perigoso, que precisa ser eliminado, evitado, contido, pois provoca nojo. E o nojo é uma sensação totalmente ambígua, que desperta ao mesmo tempo atração, repulsa, fascínio, asco, curiosidade. Provoca pensamentos perversos, pensamentos que nem sempre são passíveis de controle. O nojo é abjeto. Coloca o sujeito em contato com um lado sombrio, que, geralmente, ele busca ignorar.

Para Ian Miller,¹⁹ o nojo é um universo rico em significados. Um universo que engloba principalmente o corpo e seus orifícios, e também a ordem política, social, moral e cultural. O autor também considera que esta é uma área repleta de oposições, as quais são cruciais para entendê-la — como inorgânico x orgânico; vegetal x animal; humano x animal; nós x eles; eu x você; meu exterior x meu interior; seco x molhado; fluido x pegajoso; duro x esponjoso; vida x morte; saúde x doença; belo x feio etc.

De acordo com o Miller, o interesse da psicologia moderna pelo nojo começa com Darwin, que concentra sua discussão sobre o tema na rejeição da comida e no paladar. Entretanto, o nojo é muito mais que isso, pois envolve os cinco sentidos. Ao tocar algo viscoso, úmido, pegajoso, esponjoso ou escorregadio, imediatamente sentimos aversão. O mesmo acontece quando a textura das superfícies não está de acordo com as nossas expectativas: a pele de um homem que se assemelha a de um réptil ou a pele de um réptil que se assemelha a de um homem. Os odores nauseabundos parecem ser capazes de contaminar. Os odores do corpo e suas excrescências, da mesma forma, são ameaçadores.

Ao contrário do olfato, a visão requer distância para funcionar. O mundo está repleto de visões nojentas e essas visões dizem respeito não só a coisas que podemos ver, mas também a ações que podemos testemunhar. Qualquer atitude que cause vergonha em quem a cometeu possivelmente provocará nojo no observador. Nessa esfera, o nojo opera como um regulador social, controlando atos e emoções. A força da visão também reside no seu poder de sugestão. Na visão, está o horror. Através dela, o feio, o deformado, o mutilado, o degradado chega até as pessoas, e o nojo as força a olhar, por mais que não se queira.

¹⁸ Ibid., p. 53

¹⁹ MILLER, William Ian. **The anatomy of disgust**. Cambridge; London: Harvard University Press, 1997.



A audição é o sentido que menos desperta o nojo e, quando o faz, geralmente, se associa a visões ruins ou a toques asquerosos. Ouvir alguém vomitando, por exemplo, imeditamente provoca náusea. Quanto ao paladar, Miller considera que comida e nojo estão fortemente relacionados, na medida em que as questões da pureza e da impureza, da pureza e do perigo, remetem ao que entra pela boca. A boca, como os orifícios, em geral, é altamente contaminável e contaminada — no sentido físico e simbólico.

Ao tratar de pureza e perigo, William Miller faz alusão a Mary Douglas e ao seu conhecido livro *Pureza e perigo*. De acordo com Douglas, algumas coisas, quando estão fora de lugar, podem se tornar impuras. Um fio de cabelo em cima de uma mesa ou uma gota de sopa em uma colher não provocam asco, entretanto o fio de cabelo em um prato de comida ou uma gota de sopa na barba de um homem, sim. Porém, Miller acredita que o que provoca nojo é muito mais o cabelo do que o prato de comida, e muito mais o homem do que a sopa. A gota na barba revela que o homem tem uma falha de caráter, um defeito moral que o impede de se manter apresentável de acordo com as normas da sociedade, as quais demandam que ele conserve sua ‘pureza pública’ e a sua limpeza, e não nos ameace com a sua incompetência em manter-se limpo.

Segundo Miller, emoções são sentimentos que se conectam a ideias e, geralmente, resultam em ações. Nesse sentido, o nojo é um sentimento sobre alguma coisa e uma resposta a alguma coisa — não apenas um sentimento isolado. Ele cita como exemplo uma crise de estômago. Parte de se sentir enojado é a consciência de estar enojado. É impossível sentir nojo e não saber. O nojo sempre envolve pensamentos desagradáveis, repugnantes e difíceis de se livrar. É uma sensação que está sempre acompanhada de pensamentos de um certo tipo de perigo — de contaminação, poluição, sujeira —, o qual, por sua vez, está associado a condições culturais e sociais. Mesmo quando a origem do nojo é o nosso próprio corpo, a maneira como lidamos com nossas secreções e excrescências está profundamente ligada aos sistemas social e cultural de sentido. Fezes, catarro, saliva, pus, cabelos e cheiros vêm sempre acompanhados de histórias sociais e culturais.

A cultura tem papel determinante em relação ao nojo, pois estabelece os limites entre o puro e o impuro, o limpo e o sujo. A noção de nojo também varia de cultura para cultura, modificando-se com o tempo. Algumas culturas enfatizam mais o nojo que outras, assim como algumas pessoas são mais sensíveis ao nojo que outras.

O nojo, para William Miller, tem um forte significado político, na medida em que trabalha para manter a hierarquia, avaliando e proclamando a inferioridade do seu

objeto. Os que estão numa escala social alta creem que as pessoas pertencentes a uma escala social baixa cheiram mal, e se sentem ameaçados pelo seu suposto poder de contaminar e poluir. Estas, por sua vez, também se sentem enojadas pelas atitudes ridículas e esnobes da alta classe. Antigamente, os ‘pobres’ temiam e admiravam os ‘ricos’. Agora eles os desprezam e, se os servem, é porque assim precisam fazê-lo para sobreviver.

A linguagem do nojo evoca, obrigatoriamente, uma experiência sensorial. É uma sensação instantânea, imediata, que nunca vem aos poucos, mas em uma espécie de jorro, tomando conta do sujeito e mexendo com todos os sentidos do corpo. Por isso, sentir nojo é humano e ‘humanizante’, e aqueles que dificilmente se enjoam parecem pertencer a uma categoria, de certa forma, diferente, como as crianças, os loucos ou os santos.

Desde o início da pesquisa, perguntávamo-nos como os artistas plásticos lidavam com o nojo que o lixo é capaz de provocar: eles não sentiam nojo, esta sensação foi superada ou eles a sentiam e, mesmo assim, davam seguimento ao seu trabalho? Que motivação tinham para utilizar o lixo como matéria-prima?

A história de dois artistas plásticos e uma artesã, que atuam no Galpão das Artes da Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana), no Rio de Janeiro, nos serviu como estudo de caso. Foram gravadas entrevistas com eles, que farão parte do vídeo ainda em fase de produção.

O primeiro a ser entrevistado foi Sergio Cezar. Conhecido como arquiteto do papelão, Sergio transforma papel e outros materiais que tira do lixo em obras de arte que são miniaturas de casas, prédios, favelas, cortiços etc. Tornou-se conhecido quando fez a abertura da novela “Duas caras”, transmitida pela Rede Globo entre 2007 e 2008.

De origem humilde, o artista teve a sua vida transformada pelo lixo, pois Sergio garante a sua sobrevivência através da sua arte. Quando começou seu trabalho, procurava nas lixeiras sua matéria-prima. Com o tempo, estas foram chegando até ele através de doações. Porém, até hoje, toda vez que vê em uma lixeira algo que lhe interessa, não reluta em se apropriar.

Perguntamos a ele se se sentia incomodado ou enojado ao ter contato com o lixo. Ele nos respondeu que, a princípio, incomodava-o o olhar das pessoas sobre ele, sentia-se envergonhado, mas, com o tempo, mexer no lixo passou a ser algo normal. Dessa



forma, Sergio nunca teve nojo do lixo em si, apenas preocupava-o a visão do outro: “No começo, me incomodava a discriminação social de mexer com o lixo”.²⁰

Além disso, segundo ele, a consciência de contribuir, de alguma forma, para beneficiar o meio ambiente, para ele, era recompensadora. Mais do que reciclar o lixo, Sergio Cezar enfatizou em sua fala que é necessário reciclar o olhar – “o lixo mudou completamente a minha vida; a maneira de ver a possibilidade de transformar”.²¹ Atualmente, Sergio também utiliza seu trabalho para conscientizar jovens e crianças através de oficinas, nas quais eles aprendem a utilizar o lixo para criar obras de arte: “Utilizo a minha arte na questão da educação. Já tive alunos que eram consumidores de cocaína, passaram dois anos aqui e hoje estão bem”.²²

A história de Núbia Pinheiro tem algumas semelhanças com a de Sergio Cezar. Núbia relata que trabalhava em uma agência de publicidade e tinha uma rotina estafante, de várias horas de dedicação ao escritório. Acabou perdendo o emprego e resolveu aprender artesanato. Por acaso, acabou escolhendo um curso de arte com jornal, o que, assim como no caso de Sérgio, tornou-se um meio de sobrevivência.

Ela revela que o que mais a instigou foi o fato de poder atuar positivamente em favor do meio ambiente, reaproveitando um material que levaria muito tempo para ser destruído pela natureza. Além de jornal, Núbia também utiliza a madeira retirada do lixo em seus trabalhos, criando baús, biombos, caixas, mesas, bancos, cadeiras etc., que são revestidas com jornal.

Quando questionada se sentia nojo ao lidar com o lixo, ela negou. Segundo ela, nunca se sentiu incomodada nem em tocar nem em ser vista mexendo no lixo. Núbia conta que costuma procurar em caçambas de lixo, que ficam no meio da rua. Perguntamos se ela se incomodava com o olhar das pessoas, e ela disse que não. Ela sabe que, para os outros, é, no mínimo, curioso ver algum remexendo uma caçamba, mas que isso provoca nela mais riso do que qualquer tipo de incômodo: “Eu não posso ver uma lata de lixo, que eu quero mexer. É maravilhoso. Às vezes, a gente olha alguma coisa e já vai pensando no que pode fazer”.²³

Tal como Sergio, Núbia também utiliza seu trabalho para conscientizar as pessoas. Ela ministra oficinas em comunidades carentes, dando oportunidade aos outros de também conseguirem um meio alternativo de ganhar a vida.

²⁰ FORTUNA, Daniele. **Entrevista com Sergio Cezar**. Gravada em vídeo, 13 de outubro de 2009.

²¹ *Ibid.*, loc. cit.

²² *Ibid.*, loc. cit.

²³ FORTUNA, Daniele. **Entrevista Núbia Pinheiro**. Gravada em vídeo, 11 de fevereiro de 2009.



O relato de Terezinha Larcher difere um pouco dos casos de Sergio Cezar e Núbia Pinheiro. Jornalista aposentada, Terezinha sempre se preocupou com a questão ambiental, mas não pensava em fazer do lixo matéria-prima do seu meio de vida. Foi por acaso que, aos poucos, ela se viu também ganhando dinheiro com sua arte, que consiste em reaproveitar garrafas pet. Terezinha faz móveis, *puffs*, pequenas esculturas, porta-guardanapos etc.

Ela conta que, assim como Sergio, com o tempo, passou a receber doações de garrafas, mas que antes também as recolhia, como as recolhe até hoje quando as vê em uma lixeira. De acordo com ela, nunca sentiu nenhum tipo de incômodo – nem ao tocar o lixo nem com a impressão que os outros poderiam ter dela, até porque costuma trabalhar com um tipo de lixo que já vem mais limpo: “Eu abro tudo quanto é lixeira do meu condomínio, mas, geralmente, recebo o lixo já limpo”.²⁴ De acordo com Terezinha, sua motivação (reaproveitar um material, atuando assim a favor do meio ambiente) é maior do que tudo: “Eu chamo o lixo de produto. Para mim, não é mais lixo. Tem tanta gente que vive disso, que se mantém com dinheiro do lixo...”.²⁵

Conclusão

Com base na pesquisa bibliográfica realizada a respeito do nojo – que utilizou outras obras sobre o assunto além de *The anatomy of disgust*, de Ian Miller –,²⁶ ao darmos início à pesquisa “Reciclagem de lixo: adote esta ideia”, trabalhávamos com as seguintes hipóteses: a) os artistas sentiriam nojo ao mexer com o lixo, mas superaram essa sensação em função do costume; b) mesmo sentindo nojo, os artistas continuavam lidando com o lixo. Entretanto, nossas hipóteses se mostraram erradas, pois eles simplesmente não sentiam nojo.

Talvez, quando extremamente motivados, não sintamos nojo, ou ainda, a relação deles com o lixo seja realmente de amor. Segundo Ian Miller, o nojo ajuda a estruturar o mundo, porque tem um incrível poder de gerar imagens e organizar e internalizar muitas

²⁴ FORTUNA, Daniele Ribeiro. **Entrevista com Terezinha Larscher**. Gravada em vídeo, 18 de dezembro de 2009.

²⁵ *Ibid.*, loc. cit.

²⁶ COHEN, William A.; JOHNSON, Ryan (Ed.). **Filth – dirt, disgust, and modern life**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2005. KOLNAI, Aurel. **On disgust**. Chicago: Open Court Publishing Company, 2004. MENNINGHAUS, Winfried. **Disgust. Theory of a strong sensation**. Albany: State University of New York Press, 2003. MILLER, Susan B. **Disgust — the gatepeeker emotion**. Hillsdale: The Analytic Press, 2004.



das nossas atitudes morais, sociais e políticas. Sem o nojo para ser superado, o amor, por exemplo, faria muito pouco sentido. Quando amamos, várias ‘regras’ do nojo precisam ser relaxadas ou até destruídas. A língua do ser amado na nossa boca desperta prazer, enquanto a língua de um estuprador provocaria o mais intenso dos nojos. Por isso, é possível afirmar que os personagens do nosso estudo de caso mantêm com o lixo uma relação de amor. Assim, as ‘regras’ do nojo acabam sendo relaxadas ou efetivamente eliminadas.

A pesquisa ainda está em andamento, mas, de certa forma, já cumpriu seu papel. A importância da pesquisa reside não apenas na descoberta, na confirmação (ou negação) de hipóteses, no aprofundamento de um conhecimento teórico a respeito de um tema, mas, também, na mudança de um ponto de vista, ou seja, na reciclagem de um olhar, como diria o artista plástico Sergio Cezar.

Através de tudo que foi realizado até agora no projeto “Reciclagem de lixo: adote esta ideia”, foi possível não apenas despertar o interesse pelo tema, mas instigar o surgimento de uma conscientização ambiental nos membros que fazem parte da equipe.

A bolsista Suellen Elise Maciel afirma que:

Antes de entender melhor sobre esse universo, já tinha ouvido falar sobre a relação entre esses dois elementos [lixo e arte], mas não sabia que dali poderiam sair coisas tão maravilhosas, que fosse possível realmente achar um novo conceito para aqueles restos que, aos nossos olhos, eram apenas ‘resíduos’ que cheiravam mal.²⁷

Já Felix Milesi, técnico de vídeo do laboratório de TV do curso de Comunicação Social da Unigranrio, que realiza as gravações das entrevistas, afirma que não tinha muito conhecimento a respeito da relação entre lixo e arte: “Não sabia como o reaproveitamento destes materiais poderia gerar obras tão interessantes e, principalmente, a reconstrução social gerada através da arte”.²⁸ Para ele, a pesquisa foi importante para modificar sua visão sobre o assunto: “Todos os materiais são maravilhosos e sempre me surpreende como eles entraram na vida deles [artistas] e modificaram a vida e o olhar deles, como o meu”.²⁹

²⁷ FORTUNA, Daniele Ribeiro. **Depoimento de Suellen Elise Maciel**. Recebido por e-mail, 28 de fevereiro de 2010.

²⁸ FORTUNA, Daniele Ribeiro. **Depoimento de Felix Milesi**. Recebido por e-mail, 5 de março de 2010.

²⁹ *Ibid.*, loc. cit.



Como ainda está em fase de produção, o vídeo ainda não cumpriu seu papel de conscientizar alunos e/ou o público interno da Unigranrio, mas já reciclou o olhar de quem faz parte da equipe.

Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. That old thing, art... In: MAHSUN, Carol Anne (Ed.). **Pop Art, The critical dialogue**. Londres: UMI Research Press, 1989

BOURDON, David. **Warhol**. Nova York: Harry N. Abrams, Inc., Publishers, 1989.

CHIARA, Ana Cristina. O real cobra seu preço. In: OLIVEIRA, Ana Lúcia M. de (org.). **Linhas de fuga: trânsitos ficcionais**. Rio de Janeiro: 7letras, 2004.

COHEN, William A.; JOHNSON, Ryan (Ed.). **Filth – dirt, disgust, and modern life**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2005.

FORTUNA, Daniele. **Entrevista com Sergio Cezar**. Gravada em vídeo, 13 de outubro de 2009.

_____. **Entrevista com Terezinha Larscher**. Gravada em vídeo, 18 de dezembro de 2009.

_____. **Entrevista com Núbia Pinheiro**. Gravada em vídeo, 11 de fevereiro de 2010.

_____. **Depoimento de Suellen Elise Maciel**. Recebido por e-mail, 28 de fevereiro de 2010.

_____. **Depoimento de Felix Milesi**. Recebido por e-mail, 5 de março de 2010.

GUARESCHI, Pedrinho A. A realidade da comunicação – visão geral do fenômeno. In: GUARESCHI, Pedrinho (coord.). **Comunicação e controle social**. Petrópolis: Vozes, 1991.

HUNTER, Sam. **A nova arte**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.

KOLNAI, Aurel. **On disgust**. Chicago: Open Court Publishing Company, 2004.



MENNINGHAUS, Winfried. **Disgust. Theory of a strong sensation.** Albany: State University of New York Press, 2003.

MILLER, Susan B. **Disgust — the gatepecker emotion.** Hillsdale: The Analytic Press, 2004.

MILLER, William Ian. **The anatomy of disgust.** Cambridge; London: Harvard University Press, 1997.

O'DOERTY, B. apud MAHSUN, Carol Anne. **Pop art and the critics.** Londres: UMI Research Press, 1987

RESTANY, Pierre. **Os novos realistas.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

RODRIGUES, José Carlos. **Higiene e ilusão.** Rio de Janeiro: Nau, 1995.

SANTOS, Daniele Ribeiro dos. **Do realismo sujo ao realismo vazio: um estudo comparativo entre a ficção de Rubem Fonseca e Pedro Juan Gutiérrez.** Orientador: Ana Cristina de Rezende Chaira. Rio de Janeiro: UERJ / Instituto de Letras, 2007, 201 p. Tese de doutorado.